O ANTROPÓLOGO E O OUTRO: O TRABALHO DE CAMPO EM UMA ÉPOCA PÓS-MODERNA[1].

SMANIOTTO, Edgar Indalecio[2]

RESUMO

Neste artigo buscamos discutir o pensamento do escritor Augusto Emílio Zaluar a respeito da dificuldade que o antropólogo encontra para sair do mundo do "outro". Essa discussão é feita por Zaluar no decorrer da trama do livro *O Dr. Benignus*, sendo representada pelo personagem Willian River. Pretendemos, ao longo destas páginas, expor as idéias de Zaluar, ao mesmo tempo em que as contrapomos com o pensamento de Clifford Geertz, James Clifford, Nigel Barley e Alba Zaluar, a fim de buscar compreender o papel e a validade epistemológica do trabalho de campo na antropologia.

PALAVRAS-CHAVE: antropologia, outro, pré-figuração, pós-moderno.

ABSTRACT

In this article we discuss the thought of the writer Augusto Emilio ZALUAR about the difficulty that the anthropologist is to leave the world of the "other". This discussion is made by ZALUAR during the book's plot Dr. Benignus, represented by the character William River. We intend, in these pages, expose ZALUAR ideas at the same time that we oppose the thought of Clifford Geertz, James Clifford, Nigel Barley and Alba ZALUAR in order to try to understand the role and the epistemological validity of fieldwork in anthropology.

KEYWORDS: Anthropology. Other. Pre-figuration. Postmodern.

INTRODUÇÃO

[1] Este trabalho foi anteriormente apresentado como parte da dissertação de mestrado: UMA ANÁLISE DO CONCEITO ANTROPOLÓGICO DO "OUTRO" NA OBRA DO ESCRITOR AUGUSTO EMÍLIO ZALUAR, defendida em 2007 no programa de pós-graduação em Ciências Sociais da UNESP de Marília sob orientação da Prof. Dr.ª Christina de Rezende Rubim, por este autor.

[2] Filósofo, mestre e doutor Ciências Sociais. Docente da Faculdade de Ensino Superior do Interior Paulista. Membro da Associação Brasileira de Antropologia – ABA; da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC; da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial – ASPAS, e do Centro de Educação Transdisciplinar – CETRANS, Grupo de Pesquisa Social - UNESP. E-mail: edgarsmaniotto@gmail.com.

No romance *O Dr. Benignus*[3], Augusto Emílio Zaluar utiliza-se do conceito antropológico do "outro" ao narrar as aventuras do personagem homônimo. O Dr. Benignus é médico e naturalista, e, devido a um estratagema utilizado por seu cozinheiro, aventura-se pelo interior do Brasil, a fim de conhecer a natureza brasileira e fazer pesquisas astronômicas.

No decorrer da narrativa de suas aventuras pelo interior do Brasil, Benignus encontra-se com o antropólogo Willian River que, para a antropóloga Alba Zaluar, representaria uma espécie de "*pré-figuração da situação vivida por muitos etnógrafos que não sabem como sair do mundo do outro*" (ZALUAR, Alba. 1994, p. 374). Tese esta que desenvolveremos neste artigo.

Primeiro romance científico brasileiro [2] – O Dr. Benignus. (Benignus" = benigno), já no título reflete a visão de Augusto Emílio Zaluar de que a Ciência e a Tecnologia tinham vindo exclusivamente para fazer o bem ao ser humano[5], é também um relato de viagem. Um relato imaginário, é claro, mas sustentado pela pesquisa enciclopédica feita pelo seu autor, que insere na obra um apêndice com dezenas de referências biográficas, científicas e literárias, das quais se utilizou para sustentar sua narrativa.

Partindo deste relato fictício de viagem, escrito por Zaluar, buscamos também compreender os dilemas encontrados pelo antropólogo durante o trabalho de campo, bem como a validade epistemólogica e discursiva da monografia escrita por ele a partir dessa experiência, sempre tendo em vista as críticas feitas por antropólogos hermenêuticos e pós-modernos à pretensão de discurso sobre a realidade, que está presente na monografia antropológica.

1. AUGUSTO EMÍLIO ZALUAR: ESBOÇO DE UMA TRAJETÓRIA INTELECTUAL.

[3] **O Dr. Benignus**, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. Edição crítica, com várias introduções e uma explicação técnica quanto aos critérios de modernização da linguagem, e feita a partir da edição em livros, em dois volumes, de 1875. Há indicações que o romance teve uma edição anterior em forma de folhetim, fato comum na época, contida na seção "Ao Leitor" (p. 27): "Agradeço cordialmente à ilustrada redação do O GLOBO a benevolência com que acolheu o meu trabalho, que hoje principio a publicar.".

[4] O romance de Zaluar é um legítimo romance científico brasileiro do século XIX, mas é produto tanto da imitação quanto da distância cultural sofrida pelo país em relação à Europa. Ele aborda teorias antropológicas locais, como as idéias da América como terra da liberdade e a do continente sul-americano como o mais antigo do mundo, mas seu estilo é claramente influenciado por Julio Verne, no qual as características literárias são deixadas de lado em favor de uma descrição científica, quase didática.

[5] Particularmente é discutido no 'O Dr. Benignus' a relação entre astronomia, antropologia e astrobiologia, sendo esta relação construída utilizando-se das obras de Camille de Flammarion (1937A, 1937B, 1995). Sabe-se que Flammarion influenciou a constituição da astronomia brasileira até o século XX, entrando em disputa com os positivista, ver: MORAES, Abraão. **A astronomia no Brasil**. In: AZEVEDO, Fernando de. As ciências no Brasil. São Paulo: Melhoramentos,1955. p. 81-161. RIBEIRO, J. Costa. **A física no Brasil**. In: AZEVEDO, Fernando de. As ciências no Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1955. p. 163 - 202.

Augusto Emílio Zaluar nasceu em Lisboa em 14 de fevereiro de 1826, filho de José de Oliveira Zaluar[6], major graduado, que servira de comissário pagador da divisão dos Voluntários Reais de El-Rei, na campanha do Rio da Prata, antes da Independência do Brasil. Augusto Emílio Zaluar matriculou-se no 1º ano da Escola Médico-cirúrgica de Lisboa, disposto a seguir esses estudos, mas acabou por descobrir-se mais apto à literatura.

Colaborou com diversos jornais de Lisboa e algumas revistas, entre elas *Epoche*, *Jardim das Damas*, *Revista Popular* e outras publicações daquele tempo, principalmente com poemas. Já em 1846, publica um folheto intitulado *Poesias, primeira parte*[7]. Mas não encontrou nos meios literários rendimentos que lhe possibilitassem sustentar-se.

Decidiu, assim, vir para o Brasil, chegando ao Rio de Janeiro em 3 de janeiro de 1850. Tratou logo de tentar viver de meios puramente literários e jornalísticos. Fez parte das redações do *Correio Mercantil* e do *Diário do Rio de Janeiro;* e em Santos, da *Civilização.* Em 1856 naturalizou-se brasileiro[8].

Além das atividades de articulista e redator, Zaluar viria a se dedicar a traduções de obras literárias para os folhetins da época. Traduziu *Os moicanos de Paris* para o *Correio Mercantil*. Além da atividade jornalística, Zaluar se dedicou intensamente à poesia. Em 1851, publica *Dores e Flores*[9], que teria sua continuação publicada em 1862, com o título de *Revelações*[10]. Mas também publicou um livro de contos[11]. Fez apreciações críticas para outros autores, como Joaquim Inácio Alvares de Azevedo[12], um poema em homenagem a Pedro II[13], e uma peça de teatro[14].

---

[6] Infelizmente não conseguimos identificar o nome da mãe de Zaluar.

[7] Original, sem republicação recente, pode ser encontrado na Biblioteca Nacional: **Poesias**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1846.

[8] Informações retiradas do: **Portugal – Dicionário Histórico**, transcrito por Manuel Amaral, disponível em http://www.arqnet.pt/dicionário/zaluar.html, acesso em 22/06/2004.

[9] Original, sem republicação recente, pode ser encontrado na Biblioteca Nacional: **Dores e flores**. Rio de Janeiro: Typ. De F. de Paula Brito, 1851.

[10] Original, sem republicação recente, pode ser encontrado na Biblioteca Nacional: **Revelações**. Rio de Janeiro-Paris: Livraria de B. L. Garnier, 1862.

[11] Original, sem republicação recente, pode ser encontrado na Biblioteca Nacional: **Contos da Roça**. Rio de Janeiro : Typographia do Diario do Rio de Janeiro, 1868.

[12] Original, sem republicação recente, pode ser encontrado na Biblioteca Nacional: Azevedo, Joaquim Inácio Alvares de. **Poesias**. Rio de Janeiro Typ. Universal de Laemmert 1872. Apreciações críticas de: Augusto Emílio Zaluar. José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. José Maria Velho da Silva.

[13] Original, sem republicação recente, pode ser encontrado na Biblioteca Nacional: **Os Rios. A S.M. Imperial o Senhor Dom Pedro Segundo**. [S.l: s.n, s.d.] 6p. 22cm.

[14] Esta peça chama-se "**O cofre da tartaruga**", uma conversação em um ato, de 1865.

Zaluar era um homem profundamente interessado em ciências Naturais e Físicas, principalmente em Astronomia; havia começado sua carreira como médico. Publicou obras sobre diversos temas, como biografia, seja em obra própria[15] ou em parceria[16]; obras de caráter didático[17], afinal era Lente em pedagogia da Escola Normal.

No entanto, seria uma obra sua dedicada à ciência e à tecnologia[18], assuntos de vital importância para Zaluar, que lhe renderia o mérito de entrar para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (I H G B).

Como viajante, Augusto Emilio Zaluar escreveu a sua *Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-61[19]),* um relato de viagem, tão comum no século XIX, com uma leve diferença em relação a seus contemporâneos. Enquanto grande parte dos viajantes, principalmente estrangeiros, estava preocupada em catalogar a natureza brasileira, Zaluar, realizava sua viagem a fim de catalogar os elementos civilizadores desta nação, por isso ela transcorreu nas províncias do Rio de Janeiro e, principalmente, na de São Paulo, onde começavam a surgir cidades de médio porte, alguma indústria e estradas de ferro, devido, sobretudo, à cultura cafeeira.

2. UMA PRÉ – FIGURAÇÃO DA ANTROPOLOGIA

No decorrer do *Doutor Benignus*, somos apresentados ao personagem William River[20], um "antropólogo"[21]. Este, de origem inglesa, passou cerca de 9 meses entre os povos indígenas de Goiás,

[15] Original, sem republicação recente, pode ser encontrado na Biblioteca Nacional: **Emília Adelaide.** Rio de Janeiro, Typ. do Diário de Rio de Janeiro, 1871.

[16] Original, sem republicação recente, pode ser encontrado na Biblioteca Nacional: CASTRO, Eduardo de Sá Pereira de. ZALUAR, Augusto Emílio**. Os Heróes brazileiros na campanha do sul em 1865**. Rio de Janeiro: Typ. Pinheiro & Comp. 1865.

[17] Original, sem republicação recente, pode ser encontrado na Biblioteca Nacional: **Lições das cousas animadas e inanimadas; modelos e assunptos de exercicios oraes e por escripto para os meninos de 5 a 8 annos, imitação, para uso das escolas primarias 3. ed**. Rio de Janeiro, Liv. classica de Alves & comp., 1893.

[18]Original, sem republicação recente, pode ser encontrado na Biblioteca Nacional: **Exposição Nacional Brazileira de 1875**. Rio de Janeiro : Typ. do Globo, 1875.

[19] Esta obra teve uma republicação relativamente recente, 1975, que ainda está disponível: **Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-61).** São Paulo: Ed. Itatiaia, USP, 1975.

[20] Este personagem é puramente fictício, não tendo qualquer relação com o antropólogo e fisiologista inglês W. H. R. Rivers, fundador da escola de psicologia experimental de Cambridge. Criador de um método de registrar parentesco, entre outras contribuições técnicas à antropologia, Rivers propagava a necessidade de encarar uma cultura ou sociedade como um todo integrado (MERCIER, 1986, p. 109).

[21] Usamos aqui o termo antropólogo, com o objetivo de designar o personagem Willian River. Sabemos que até então esta área das ciências humanas não se tinha constituído, mas uma vez que o personagem apresenta comportamentos que viriam a serem adotados pelos antropólogos (como passar meses entre os Caiapós antes de escrever sua monografia), e Zaluar o designa como tal, usaremos este termo para referirmos a este.

para depois redigir uma monografia. Em outras palavras, William River estava realizando um trabalho de campo, que seria a fase primordial da investigação etnográfica. Alba Zaluar (1994), reconhece ser esta uma proposição avançada, "*basta lembrarmos que as primeiras expedições para realizar um longo trabalho de campo deram-se na virada do século*" (ZALUAR, Alba. 1994, p. 374).

Alba Zaluar se refere aqui à coleta de materiais etnográficos feita por Frans Boas por ocasião de uma missão geográfica à terra de Bafim, em 1887. Seguida por uma expedição zoológica ao estreito de Torres, em 1888, com a presença de A. C. Haddon. Foi também em 1894 que B. Spencer e F. J. Gillen recolheram dados por ocasião de uma viagem de estudos zoológicos na Austrália (MERCIER, 1986, p. 75).

Para Velasco e Rada (1997), o trabalho de campo é o período dedicado à compilação e ao registro de dados, sendo mais do que uma técnica. Trata-se de uma situação metodológica e também um processo em si mesmo, uma sequência de ações, de comportamentos e de acontecimentos, cujo objetivo é redigir uma monografia.

O primeiro trabalho de campo a enquadrar-se nesta definição teria sido, segundo os autores, aquele realizado por Bronislaw Malinowski (1978), em seu trabalho de campo nas ilhas Trobriand, nos anos de 1917-1918.

A introdução de "Argonautas do Pacífico Ocidental" pode mesmo ser considerada a carta fundacional do trabalho de campo antropológico, versando, como podemos identificar em seu título, sobre o *Tema, método e objetivo da pesquisa*.

É nesta introdução que Malinowski propõe que se façam diários de campo: "*o diário etnográfico, feito sistematicamente no curso dos trabalhos num distrito, é o instrumento ideal para este tipo de estudo*" (p. 31), e os princípios metodológicos que vão nortear sua pesquisa:

> ... em primeiro lugar é lógico que o pesquisador deve possuir objetivos genuinamente científicos e conhecer os valores e critérios da etnografia moderna. Em segundo lugar, deve o pesquisador assegurar boas condições de trabalho, o que significa, basicamente, viver mesmo entre os nativos, sem depender de outros brancos. Finalmente, deve ele aplicar certos métodos especiais de coleta, manipulação e registro da evidência (MALINOWSKI, 1978, p. 20).

Seguindo a leitura de Alba Zaluar, de que Zaluar teria realizado uma "*profecia do método etnográfico que se cumpriu no século seguinte*" (ZALUAR, Alba. 1994, p. 374), podemos verificar que as propostas metodológicas, inseridas por Bronislaw Malinowski, encontram-se de certa forma esboçadas na ficção de Zaluar. Isso não significa, porém, que Zaluar tenha sido um profeta ou mesmo realizado um trabalho antropológico de envergadura que mais tarde foi esquecido por historiadores da antropologia. Na verdade, Zaluar, assim como o romancista francês Júlio Verne, procurava fazer

extensas leituras da área de conhecimento do que iria tratar[22]. No decorrer do romance, buscava apresentar aos seus leitores os conhecimentos científicos de sua época a respeito dessa disciplina e conseguia propor certas especulações acerca do desenvolvimento futuro da área tratada, e, por vezes, algumas de suas asserções poderiam se verificar plausíveis.

No decorrer da narrativa, Zaluar fala da necessidade de coletar, expondo suas idéias de que o cientista (por vezes ele usa o termo antropólogo) deve anotar suas observações e recolher objetos a fim de poder melhor estudar os povos indígenas quando retornar ao mundo civilizado.

Ele é taxativo, ao acusar os viajantes, que percorreram o interior do Brasil, de muito pouco escrupulosos na exposição de fatos e na decifração de documentos, trazendo enormes enganos à ciência devido à sua leviandade ao trabalhar ao sabor da aventura mais do que com a exploração científica.

É interessante salientarmos que, no decorrer do romance *O Dr. Benignus,* Zaluar vai coletando material, tanto de cunho arqueológico quanto de cunho antropológico ao fazer contato com povos nativos. A expedição fictícia de Benignus não era muito diferente daquelas que ele criticava.

Há uma certa tensão no romance, entre o Dr. Benignus e William River. O primeiro comanda uma expedição, à moda antiga, dos viajantes, e, o segundo, até por força dos acontecimentos relatados no romance, parece apontar para uma pesquisa mais cuidadosa e em contato direto com os nativos.

Existiria então uma tensão, que acreditamos, intencional, já verificada por Zaluar. No texto "Poder e Diálogo na Etnografia: A iniciação de Marcel Griaule", de James Clifford (1998), apesar de não tomarmos conhecimento de fontes primárias, verificamos na *Missão Dakar-Djibout*, que atravessou em vinte e um meses a África, do Atlântico ao Mar Vermelho, certa similaridade com a tensão exposta por Zaluar.

Clifford relata que Marcel Griaule era um aviador da Força Aérea francesa, que tinha interesse em expedições. Pelo relato de Clifford, podemos inferir que Griaule não estava tão distante do viajante aventureiro do século XIX. Sua expedição não era solitária como a de Malinowski; ao contrário, levava consigo vários assistentes, chegou mesmo a pensar em projetar um barco-laboratório-de-pesquisa, para uso no rio Níger. Também buscava realizar de forma intensiva a coleta de artefatos de uma área.

Para Clifford (1998), "*a noção de que a etnografia era um processo de coleta dominou a Missão Dakar-Djibout, com sua ênfase museográfica*" (p.193), mas o mesmo autor também nos informa que Griaule fazia pesquisas intensivas, tendo ficado durante quase três anos, em cerca de dez expedições diferentes, entre os dogon[23]. Fizemos esta citação a fim de salientar que a mesma tensão, entre o relato de viagem e a moderna antropologia, poderia ser verificada, ainda na primeira metade do século XX, em um dos maiores expoentes da antropologia francesa.

[22] No caso específico da antropologia Zaluar cita os seguintes nomes no decorrer do texto: Quatrefages, Pierre-Paul Broca, Charles Robert Darwin, Alexander von Humboldt, Édourd Arnaud Isidore Hippolyte, François Lenormant, Peter Wilhen Lund, Couto de Magalhães, Boucher de Perthes, entre outros. Verificamos vasta leitura da disciplina.

[23] Sociedade Africana pesquisada por Criaule.

Apesar de se mostrar bastante preocupado com o aprimoramento da pesquisa "antropológica", Zaluar era um homem de sua época. Geertz (2002) relata que a antropologia nasce no seio da expansão imperialista do ocidente, trazendo consigo uma crença salvacionista nos poderes da ciência.

Zaluar estava impregnado desta visão de mundo, com uma única diferença: os nativos aos quais Zaluar se referia são parte constitutiva da mesma metrópole que ele. O mesmo dilema foi enfrentado por outros escritores brasileiros, entre eles Gonçalves de Magalhães, José de Alencar, Gonçalves Dias e Bernardo Guimarães.

Todos estes homens do século XIX, os românticos, se apropriaram do índio em seu imaginário. Segundo Jobim (1998):

> o nosso romantismo elegerá o índio como seu herói, entre outras coisas porque este podia ser representado como o nativo legítimo do Brasil – aquele que desde sempre aqui viveu, e que lutou heroicamente contra os colonizadores estrangeiros. Nada melhor para um movimento literário nacionalista do que um herói que pode ser apresentado como legítimo produto da nossa terra (p. 36).

Esses escritores pretendiam tratar epicamente o nativo americano e sua natureza. Zaluar, também um escritor romântico, não deixou de enaltecer o indígena, mas pretendeu, sobretudo, torná-lo parte da sociedade civilizada. Em seu romance o Doutor Benignus, almejava fundar uma colônia agrícola e industrial na ilha de Santana:

> Jaime River e os filhos do Dr. Benignus preparam-se com estudos racionais e práticos para serem um dia grandes proprietários agrícolas na colônia da ilha de Santana, sonho dourado do sábio Benignus e seus amigos, pois querem fazer representar ali todas as nações principais, atraindo à civilização pela santa comunhão do trabalho, as raças ainda mergulhadas na indolência e no barbarismo (Zaluar. 1994, p. 346).

Mesmo demonstrando apreço pela pesquisa científica e respeito à cultura desses povos, Zaluar não deixa de enxergá-los como bárbaros indolentes a serem transformados em cidadãos úteis ao Império do Brasil.

Zaluar, afinal, não estava escrevendo, de um modo geral, sobre povos coloniais para uma metrópole além do Atlântico. Aqui os povos nativos são, ainda que marginalizados, parte da metrópole. Portanto, devem trabalhar por ela.

3. O antropólogo no mundo do "outro"

A antropologia, seja ela "*uma busca malinowskiana da experiência, uma paixão straussiana pela ordem, uma ironia cultural benedictiana ou uma reafirmação cultural pritchardiana -, é, acima de tudo, uma apresentação do real...*" (Geertz , 2002, p. 186).

Para realizar esta apresentação do real, a ficção antropológica, ainda usando uma interpretação de Geertz, pretende fazer, de forma objetiva e científica, a ponte entre duas culturas. É o antropólogo, por sua vez, o sujeito que experimenta essa outra cultura e que a traduz de forma coerente para ser degustada pelos membros da cultura ocidental.

O historiador da antropologia James Clifford (1998), em seu trabalho "*Sobre a Autoridade Etnográfica*", relata a constituição da figura do antropólogo como cientista. Ele não deve ser confundido com aquele que faz o trabalho de gabinete. O novo antropólogo, agora um cientista, é aquele que realiza um trabalho de campo e legitima seu texto evocando a sua experiência participante.

> Muitas etnografias – por exemplo, a de Colin Turnbull, *Forest people* (1962) – ainda são apresentadas no modo experiencial, defendendo, anteriormente a qualquer hipótese de pesquisa ou método específicos, o "eu estava lá" do etnógrafo como membro integrante e participante (CLIFFORD, 1998, p. 35).

A observação participante seria, nas palavras de James Clifford, uma fórmula para o contínuo vaivém entre o "interior" e o "exterior" dos acontecimentos: de um lado, captando o sentido de ocorrências e gestos específicos através da empatia, para então buscar situá-los em contextos maiores (CLIFFORD, 1998, p. 33).

Calcado na observação participante, nasceu este novo gênero científico e literário, a etnografia, dependente das seguintes inovações institucionais e metodológicas, segundo James Clifford:

> Primeiro, a persona do pesquisador de campo foi legitimada, tanto pública quanto profissionalmente... Segundo, era tacitamente aceito que o etnógrafo de novo estilo, cuja estadia no campo raramente excedia a dois anos, e mais freqüentemente era bem curta, podia eficientemente "usar" as línguas nativas mesmo sem dominá-las... Terceiro, a nova etnografia era marcada por uma acentuada ênfase no poder de observação... Quarto, algumas poderosas abstrações teóricas prometiam auxiliar os etnógrafos acadêmicos a "chegar ao cerne" de uma cultura mais rapidamente do que alguém, por exemplo, que empreendesse um inventário exaustivo de costumes e crenças... Quinto, uma vez que a cultura, vista como um todo complexo, estava sempre além do alcance numa pesquisa de curta duração, o novo etnógrafo pretendia focalizar tematicamente algumas instituições específicas... Sexto, os todos assim representados tendiam a ser sincrônicos, produtos de uma atividade de pesquisa de curta duração. O pesquisador de campo, operando de modo intensivo, poderia, de forma plausível, traçar o perfil do que se convencionou chamar "presente etnográfico"... (CLIFFORD, 1998, p. 28-30).

Este pesquisador descrito por Clifford, entretanto, segundo Geertz (2002), tem seu discurso cada vez mais difícil de realizar-se. Afinal:

> A capacidade dos antropólogos de nos fazer levar a sério o que dizem tem menos a ver com uma aparência factual, ou com um ar de elegância conceitual, do que com sua capacidade de nos convencer de que o que eles dizem resulta de haverem realmente penetrado numa outra forma de vida (ou, se você preferir, de terem sido penetrados por ela) - de realmente haverem, de um modo ou de outro, "estado lá". E

> é aí, ao nos convencer de que esse milagre dos bastidores ocorreu, que entra a escrita (GEERTZ, 2002, p. 15).

Verificamos, então, que tradicionalmente o antropólogo é aquele cientista que pretende escrever uma etnografia e, para tanto, deve fazer uma observação participante. Enfocaremos o trauma da saída desse cientista do mundo do "outro" que ele pretende estudar, defendendo a tese de que tal trauma já estava presente na obra de Zaluar.

No decorrer do *O Doutor Benignus*, ficamos sabendo que William River, apesar de todas as dificuldades que encontrou entre os Carajás, pretendia, após apresentar sua monografia em um Congresso Internacional de Geografia, voltar para junto desses nativos, a fim de, entre outras coisas, continuar seus estudos e participar da cidade utópica de Zaluar.

Uma vez que, para a antropóloga Alba Zaluar, como já citamos na introdução deste artigo, o personagem William River representaria uma espécie de "*pré-figuração da situação vivida por muitos etnógrafos que não sabem como sair do mundo do outro*" (ZALUAR, Alba. 1994, p. 374); e levando-se em consideração que o termo prefiguração pode ser definido como: "*Ato de prefigurar; representação de coisa futura. Representar antecipadamente coisa que ainda não existe, mas que pode existir*" (FERNANDES, 2005, p. [S.P.]); ao utilizarmos então a palavra prefiguração, como definida no dicionário citado, queremos enfatizar, de acordo com Alba Zaluar, um certo exercício de antecipação por parte de Augusto Emílio Zaluar.

O não sair do mundo do "outro", ou o não saber fazê-lo, poderia vir a ser o futuro da antropologia. Recorrendo ao antropólogo Nigel Barley, acreditamos que podemos defender tal tese, pois as afirmações de Zaluar tornaram-se realidade.

Nigel Barley (2005), autor de "*El antropólogo Inocente*", estabelece algumas certezas que diz serem comuns na vida universitária, ainda que totalmente arbitrárias. Uma dessas certezas arbitrárias seria a de que o bom estudante se tornaria um bom investigador, de que um bom investigador se tornaria um bom escritor de ensaios, e que, por fim, um bom escritor de ensaios desejaria fazer trabalho de campo.

Para o autor, estas são deduções sem qualquer fundamento. Afinal, alguns estudiosos tornam-se investigadores medíocres, alguns ensaístas, que estão constantemente publicando nas melhores revistas de sua área, são professores decepcionantes. Ele mesmo faz parte de uma nova geração de antropólogos que considera o trabalho de campo um tanto sobrevalorizado. Assim, teria feito um doutorado tendo por base horas de pesquisa em bibliotecas. Mas, após ensinar durante vários anos, Barley optou por fazer um trabalho de campo, ainda que para ele o trabalho de campo parecesse, "*...una de esas tareas desagradables, como el servicio militar, que había que sufrir en silencio, o si por el contrario se trataba de uno de los 'privilegios' de la profesión por el cual había que estar agradecido*." (BARLEY, 2005, p. 18)

Seria um recurso para escapar da docência e tutoria, um privilégio da profissão, que durante o resto da vida coloca à mão um repertório de anedotas etnográficas para fazer calar os alunos e entreter as pessoas. Ou quem sabe uma maneira de adquirir uma aura que permite fazer parte 'dos santos da igreja britânica dos excêntricos', nas palavras do autor:

> Y sospecho que há sido la utilización de tales latiguillos lo que há dotado de esa valiosa aura de excentridad a los grises pobladores de los departamentos de antropología. Los antropólogos han tenido suerte en lo que se refiere a su imagem pública. Es notorio que los sociólogos son avinagrados e izquierdistas proveedores de desatinos o perogrulladas. Pero los antropólogos se han situado a los pies de santos hindúes, han visto dioses extraños, presenciado ritos repugnantes y, haciendo gala de un audacia suprema, han ido a donde no había ido ningún hombre. Están, pues, rodeados de un halo de santidad y divina ociosidad. Son santos de la iglesia británica de la excentricidad por mérito proprio. (BARLEY, 2005, p. 19-20)

Continuando sua linha de argumentação, o autor coloca em xeque o trabalho de campo como simples coleta de material, "coleccionar mariposas", pois o que importa não é o volume de material etnográfico recolhido e descrito, mas aquilo que se faz com esse material.

Assim, as justificativas para a investigação de campo seriam iguais àquelas dadas para qualquer atividade acadêmica, não residindo em uma contribuição à coletividade, mas em uma satisfação egoísta. Para sustentar suas teses, Barley decide partilhar com o leitor sua própria experiência de campo, tendo por objetivo:

> ...puede servir para reequilibrar la balanza y demostrar a los estudiantes, y ojalá también a los no antropólogos, que la monografia acabada guarda relación con los 'sangrantes pedazos' de la cruda rea que se basa, así como para transmitir algo de la experiencia del trabajo de campo a los que no han pasado por ella. (BARLEY, 2005, p. 21)

Barley continua sua argumentação sugerindo que:

> Es una ficción amable pensar que un deseo irrefrenable de vivir entre un ínico pueblo de este planeta que se considera depositario de un secreto de gran transcendencia para el resto de la raza humana consume a los antropólogos, que sugerir que trabajen en outro lugar es como sugerir que podían haberse casado con alguien que no fuera su insustituible compañero espiritual. (BARLEY, 2005, p. 21)

Uma vez não estando comprometido com tal visão da etnografia, Barley pretendeu escolher, para sua pesquisa, o povo de uma perspectiva mais prática. Devido a dificuldades de ordem material e, principalmente, política, desistiu de pesquisar em Timor Leste (então colônia da Indonésia) e em Fernando Poo (sob regime ditatorial), optando pelos dowayos, habitantes das montanhas da República dos Camarões (África).

Entretanto, Barley relata que, antes mesmo de chegar ao local da pesquisa, teve de passar por vários contratempos, entre eles o processo de convencer o Comitê responsável pela bolsa de pesquisa sobre a validade de seu trabalho de campo. Ainda que Barley defendesse sua pesquisa como interessante, nova e importante para o desenvolvimento da antropologia, sabia que esta era apenas normal, seguindo o padrão de diversas pesquisas anteriores.

Após ter sua pesquisa aprovada, Barley relata suas dificuldades em conseguir um visto para desenvolver seu trabalho na República dos Camarões:

> La principal dificultad reside aquí, igual que en otras áreas, en explicar por qué el gobierno británico considera provechoso pagar a sus súbditos jóvenes cantidades bastante importantes de dinero para que se vayan a zonas desoladas del mundo con el supuesto cometido de estudiar pueblos que en el país son famosos por su ignorancia y atraso. ¿ Cómo era posible que semejantes estudios fueran rentables? Evidentemente, había algún tipo de propósito oculto. El espionaje, la búsqueda de yacimentos minerales o el contrabando habían de ser el verdadero motivo." (BARLEY, 2005, p. 28)

O tratamento dispensado pela empresa aérea local "*Air Cameroun consideraba a todos los clientes una detestable molestia*" (BARLEY, 2005, p. 26); a vacina que teve de tomar contra a febre amarela, e que lhe provocara tonturas e vômitos; as dificuldades em comprar materiais adequados para a pesquisa, já que a alfândega criava imensos problemas com as importações inglesas, foram essas as dificuldades de Barley.

Seu relato prossegue descrevendo a monotonia de estar em uma população tipicamente rural, afinal, havia sido criado na moderna sociedade industrial cheia de estímulos. Foi, até mesmo, chamado para ser mediador em disputas entre empregados (oriundos da etnia dowayos) e seus patrões.

Apesar destes percalços, Barley apresenta uma poderosa etnografia, oferecendo minuciosas informações sobre cerimônias, linguagem, comida, construção de choças, circuncisão e fertilidade. Também expõe os processos de coleta e construção do objeto de estudo, inclusive suas incertezas.

Barley relativiza os dowayos em relação às etnias e aos grupos vizinhos (fulanis, koma, negros urbanizados, cristãos, muçulmanos, funcionários e cooperantes ocidentais), tratando suas experiências – tropeços lingüísticos, extração dentária, aventuras na medicina indígena – sem idealizações.

Por fim, ao retornar à Inglaterra com 18 quilos a menos e com suas crenças fundamentais abaladas, sentindo que a trabalhosa instalação no país Dowayo foi um empreendimento insensato, ele tem a seguinte conversa com um amigo antropólogo:

- Ah, ya has vuelto.
- Sí.
- ¿ Há sido aburrido?
- Sí.

- Te has puesto muy enfermo?
- Sí.
- ¿ Has traído unas notas a las que no encuentras ni pies ni cabeza y te has dado cuenta de que te olvidastes de hacer todas las preguntas importantes?
- Sí.
- ¿ Cuándo piensas volver?
Me reí débilmente. Sin embargo, seis meses más tarde regresaba al país Dowayo. (BARLEY, 2005, p. 234)

O relato de Barley tem certas similaridades com a descrição feita por Zaluar da vida do personagem William River. A princípio, é o estranho elo que liga o antropólogo ao "*seu povo*". Mesmo com todas as dificuldades que Barley e River[24] enfrentam, almejam apenas umas pequenas férias no mundo "civilizado", para então retornar ao "*seu povo*"[25].

Esta volta ao "seu povo", presente na obra de Barley e de Zaluar, ainda que apenas pré-figurada, não é somente uma curiosidade psicológica inerente ao antropólogo, mas o resultado de um questionamento epistemológico e discursivo que pode ser a via de fortalecimento do trabalho de campo.

Já salientamos neste trabalho que a antropologia teve, como seu principal alicerce e garantia de objetividade científica, o trabalho de campo. A etnografia seria assim o equivalente à experiência repetida em laboratório nas ciências exatas. Entretanto, críticas foram feitas tanto por antropólogos hermenêuticos (Clifford Gerrtz), quanto por antropólogos pós-modernos (James Clifford).

Gerrtz, apoiando-se em uma tradição hermenêutica, e na semiótica, propõe que a única maneira de descrever os fatos culturais é precisamente interpretando-os, uma vez que os fenômenos culturais são sinais, mensagens ou textos. Podemos apenas interpretar seu significado:

> Tal construção, em tais moldes, agora que as suposições simplistas sobre a convergência de interesse entre povos (sexos, raças, classes, cultos etc.) de poder desigual foram historicamente rejeitadas, e que a própria possibilidade da descrição absoluta foi questionada, não parece, nem de longe, uma empreitada tão inambígua quanto na época em que a hierarquia estava instaurada e a linguagem não tinha peso. As assimetrias morais através das quais trabalha a etnografia, bem como a complexidade discursiva em que ela funciona, tornam indefensável qualquer tentativa de retratá-la como mais do que a representação de um tipo de vida nas categorias de outro (GEERTZ, 2002, p. 188).

[24] Vamos nos referir aqui a William River de forma bastante literal. Quase como a um personagem real.

[25] Segundo James Clifford, "a forma possessiva '*meu povo*' foi até recentemente bastante usada nos círculos antropológicos, mas a frase na verdade significa '*minha experiência*'." (CLIFFORD, 1998, p. 38). É neste sentido que usamos a expressão neste trabalho.

James Clifford, por sua vez, participou do movimento empreendido por jovens antropólogos americanos no seminário de Santa Fé (Novo México, EUA, abril de 1984), de certa forma, todos eles inspirados por Geertz, ainda que fazendo críticas a este[26]. Clifford e os demais antropólogos presentes nesse seminário identificavam uma crise no campo da antropologia, até então, segundo eles, muito positivista.

Sua intenção era, partindo de uma postura claramente impregnada da crítica pós-estruturalista ou pós-moderna, redefinir a antropologia a partir de critérios estéticos, recorrendo a análises paraliterárias e filosóficas. Esse movimento teve seu manifesto publicado na forma do livro Writing Culture,[27], publicado em 1986.[28]

Os autores presentes no livro são os antropólogos: James Clifford, Mary Louisse Pratt, Vincent Crapanzano, Renato Rosaldo, Stephen A Tyler, Talal Asad, George E. Marcus, Michel M. J. Fischer e Paul Rabinow. Além de ser o organizador e um dos ensaístas, James Clifford é também responsável pela introdução da obra.

Destacamos um trecho de sua introdução:

> Los ensayos que aquí se contienen hacen bien explícito un aserto: la ideologización, en el análisis, há claudicado, há sucumbido. Estos ensayos son el resultado de uma observación, de una visión a la contra, única manera posible de componer un código fiable de representaciones. Se assume, en este libro, que lo poético y lo político son cosas inseparables; y que lo científico está implícito en ello, no en sus márgenes. O sea, como en todo processo histórico y lingüístico. Asumen, estes ensayos, que las interpretaciones puramente literarias son propicias a la experimentación, a la vez que rigurosamente éticas. El texto en gestación, la retórica incluso, arrojan buena luz para construir, siquiera sea artificialmente, una sucesión de eventos culturales. Ello mina ciertas resoluciones que propenden al autoritarismo interpretativo; ello hace más transparente el sustrato cultural que se contempla. Asi se evita, en definitiva, que la interpretación etnográfica sea, más que una representación de culturas, una reinvención de las mismas (véase a Wagner). Por todo ello podemos decir que el problema no radica en la interpretación de unos textos literarios, en su sentido más tradicional. La mayoria de estos ensayos, apoyados en un empirismo constatable, se refieren a textos elaborados en contextos de poder, de resistencia, de tensiones institucionales, y espoleado todo ello por una clara intención renovadora. (CLIFFORD, 1991, p. 26-27)

Os escritos etnográficos teriam de passar a combinar descrições com interpretações, nos quais o etnógrafo usa da interpretação para associar o pensamento do nativo aos seus meios de expressão e torná-los compreensíveis para o leitor. O resultado parece ser uma redução do papel

[26] Segundo Sena “eles não são um grupo, eles não formam uma escola, eles não seguem modelos, eles não propõem modelos, eles não acreditam em teoria geral, eles não suportam o positivismo, eles não são convencidos pela transparência do realismo etnográfico, eles não são enganados pelo virtuosismo interpretativo, eles não reivindicam uma genealogia na tradição da disciplina, eles se reuniram em Santa Fé para matar o pai (Geertz)”. (SENA, 1987, p. 3)

[27] O título completo é *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*.

[28] Para confecção deste trabalho usamos a seguinte edição em língua espanhola: CLIFFORD, James. MARCUS, George E. **Retóricas de la Antropologia**. Trad. José Luis Moreno-Ruíz. Espanha / Madrid: Ediciones Júcar Universidad, 1991. (Série Antropología).

do antropólogo ao de escritor, e da crise epistemológica e política da disciplina a uma questão de estilo.

Para Sena (1987), estes antropólogos pretendiam, sim, destacar-se de seus colegas. Afinal, a inovação, além de garantir a sobrevivência intelectual, garantia também a econômica, já que o mercado de trabalho estava saturado de relatos etnográficos.

Após os escritos de Clifford Geertz e James Clifford, com suas críticas ao "trabalho de campo", este teria realmente se esgotado; a atividade antropológica inovadora passaria a ser a meta-antropologia. Acreditamos que não!

Ainda que nos faltem maiores leituras e, possivelmente, experiência etnográfica, o que desponta para nós é um aumento da complexidade do trabalho de campo. Pensamos que para fazer antropologia precisamos ter acesso a dados e que, em muitos casos, poderemos recorrer a bibliotecas ou mesmo à rede mundial de computadores (Internet). O trabalho de campo, com todas as críticas feitas por hermenêuticos e pós-modernos, parece ainda ser a melhor forma de colher dados não publicados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

As críticas feitas aos textos etnográficos e as discussões teóricas originadas destas servem, ao nosso ver, não para invalidar o trabalho do etnógrafo, mas para sobrevalorizá-lo.

Na verdade, os fatos sociais, religiosos, tecnológicos, etc., coletados pelo antropólogo no trabalho de campo, são o resultado de processos sociais, institucionais e discursivos de construção teórica realizada pelo antropólogo, que, de qualquer forma, deve ter o trabalho de colhê-los. O questionamento acerca destes dados não deve ser pretexto para substituir o trabalho de campo pela pura análise teórica. Ao contrário, aumenta a necessidade de cada vez mais fortalecer seu trabalho com mais dados, voltando-se novamente ao campo de pesquisa e, possivelmente, voltar-se outra vez, e quem sabe até mesmo uma outra vez. Redundância à parte, parece ser cada vez mais imperativo o trabalho de colher dados e analisá-los, e mais tarde voltar ao campo para comprovação da análise, para então fazer uma nova análise, e assim por diante.

Sair do mundo do outro, dificuldade enfrentada pelo personagem de Zaluar e, possivelmente, por dezenas de antropólogos de carne e osso, parece não ser mais uma dificuldade a ser suplantada, mas uma postura a imitar. William River mostrou-se, ao não conseguir evitar seu retorno ao "seu povo", coerentemente, um antropólogo preparado para o século XXI. O trabalho de Barley é um bom exemplo do fortalecimento epistemológico e discursivo que o trabalho de campo pode ganhar com esta postura.

Afinal, *"o autor agora não tem apenas que construir um texto para ser feliz mas deve ainda estar consciente do processo de construção, de seu próprio lugar no texto, dos artifícios*

retóricos usados e dos efeitos conseguidos" (SENA, 1987, Advertência ao Leitor Espertinho I [S. P.]).

Referências Bibliográficas:

BARLEY, Nigel. **El antropólogo inocente**. Trad. de M.ª José Rodellar. Espanha/Barcelona: Editora Anagrama, 2005 (20º edição).

CLIFFORD, James**. A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Org. José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

_____. MARCUS, George E. **Retóricas de la Antropologia**. Trad. José Luis Moreno-Ruíz. Espanha / Madrid: Ediciones Júcar Universidad, 1991. (Série Antropología).

FERNANDES, Francisco. LUFT, Celso Pedro. GUIMARÃES, F. Marques. **Dicionário Brasileiro Globo: Português**. 41º ed. São Paulo: Editora Globo, 1995.

GEERTZ, Clifford. **O Saber Local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa**. Trad. Vera Mello Joscelune. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. A Interpretação das Culturas. Trad. Fnny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. **OBRAS E VIDAS: O antropólogo como autor**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

JOBIM, José Luís**. Indianismo Literário na Cultura do Romantismo**. Rev. Let., São Paulo, 37/38:35-48, 1998.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacifico Ocidental**. Trad. Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri. 2º ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Pensadores).

MERCIER, Paul. **História da Antropologia**. Trad. Manuela Torres. Lisboa: Teorema, 1986.

SENA, Custodia Selma. **Em favor da tradição ou falar é fácil, fazer é que são elas**. Brasília: Universidade de Brasília / Departamento de Antropologia: 1987. (Série Antropologia n.º 63).

VELASCO, Honorio. RADA, Ángel Diaz de. **La lógica de la investigación etnográfica: Un modelo de trabajo para etnógrafos de la escuela**. Espanha/Madrid: Editorial Trotta, 1997.

ZALUAR, ALBA. **América Redescoberta: O Civilizado Cientista e seus outros**. In: Augusto Emílio Zaluar. **O Doutor Benignus**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. pp. 371-376.

ZALUAR, Augusto Emílio. **O Doutor Benignus**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.